

ENTREVISTA COM PAULA ANACAONA

Enézia de Cássia de Jesus¹

Paula Anacaona nasceu em 21 de julho de 1977 em Paris, na França. Mestiça, a tradutora tem suas raízes francesas oriundas de sua mãe natural de Langlade, região do Sul da França, e, raízes venezuelanas provenientes de seu pai. Em 2009 fundou a *Éditions Anacaona*. Paula já traduziu mais de cinquenta livros tanto na *Éditions Anacaona* como em outras editoras, ademais, Paula traduz também do inglês para diversas organizações internacionais. Paula Anacaona publicou seu primeiro romance em 2018, *Tatou*, com a obra ela se torna um finalista do prêmio Hors Concours.

Essa entrevista partiu da necessidade de coletar dados para o desenvolvimento e escrita da minha dissertação publicada em 2023 pelo Programa de Pós Graduação em Estudos da Tradução (PGET) da Universidade Federal de Santa Catarina, com título *Traduções transatlânticas: a recepção do Pequeno Manual Antirracista de Djamila Ribeiro em língua francesa*. A tradutora, Anacaona, aceitou gentilmente responder às minhas perguntas via áudio (*WhatsApp*). A entrevista foi feita em 17 de julho de 2021, dito isso, disponho nas páginas seguintes a entrevista na íntegra.

¹Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET-UFSC) com bolsa capes de doutorado sanduíche na *Université Bordeaux-Montaigne*.

Entrevistadora: Como responsável pela Éditions Anacaona, você também participa no processo de tradução para francês de textos literários brasileiros. Você poderia nos apresentar algumas dificuldades e alguns desafios da edição/tradução desses livros?

Paula Anacaona: Bom, eu acho que toda língua tem alguma dificuldade para traduzir, porque uma língua representa um universo, e é verdade que quando o universo é muito diferente, por exemplo o sertão, todo o vocabulário em torno do sertão que a gente não tem na França é complicado para traduzir, bom, eu falo dessas pessoas que pensam que quase tudo é traduzível, tem algumas palavras, alguns conceitos que são difíceis de traduzir mas aí nesse caso, você sempre pode traduzir por uma *periphrase*, ou seja, humano é humano, então tudo se traduz, sentimento, eu acho que um brasileiro, um francês, eles têm os mesmos sentimentos, claro, por exemplo, tem essa saudade que é bem complicada para traduzir, porque é uma mistura de melancolia, nostalgia, essas coisas. Mas essas palavras são muito raras e também sempre pode traduzir por uma *periphrase*, então eu acho que tudo se pode traduzir, pelo menos entre português, inglês, espanhol e o francês, eu não conheço o chinês talvez aí tem mais dificuldade.

Entrevistadora: Qual foi a primeira tradução que você fez?

Paula Anacaona: Qual foi a primeira tradução que fiz? Bom, eu vou falar da Editora Anacaona, foi o *Manual prático do ódio* do Ferrez, que foi a primeira tradução e publicação da Editora Anacaona que foi no final de 2009, então eu comecei com a literatura marginal, periférica de São Paulo que eu gostava muito, depois eu traduzi vários livros desses assuntos, sobre favela. Depois, é verdade que recentemente eu fui mais para ensaios políticos, feministas e antirracistas, mas eu continuo com muito carinho com a literatura marginal de São Paulo.

Entrevistadora: Qual a importância da tradução de textos de autoras e autores brasileiros para o francês?

Paula Anacaona: A importância da tradução de textos de autoras e autores brasileiros para o francês? Eu acho que é mais uma coisa para ampliar a visão de mundo dos franceses para que eles não ficassem só centrados na França e na Europa, então eu acho que é muito importante ter esses autores que levam uma visão do mundo com eles, que levam outras pautas, outros

problemas, e sobretudo, esses autores que vem do sul do mundo, na França somos muito eurocêntricos, então, é bom mostrar que no sul do mundo também tem pessoas que escrevem, que pensam e que filosofam e etc.

Entrevistadora: Por que traduzir Djamila Ribeiro?

Paula Anacaona: Porque eu gostava, porque eu achava que o pensamento e as reflexões dela eram pertinentes para a situação francesa. Eu acho também que esse mito da democracia racial que tem no Brasil tem muito a ver com o mito do universalismo republicano na França. Então, pra mim, ela era completamente pertinente para os franceses e, a tal ponto, que o livro vendeu bem, os franceses se reconheceram nos problemas que Djamila fala, então eu não me arrependo.

Entrevistadora: Por quais razões houve uma segunda edição do Pequeno Manual Antirracista de Djamila Ribeiro?

Paula Anacaona: Porque teve uma segunda edição do Pequeno Manual? Bom, porque a primeira era esgotada, e, acho que na terceira edição a gente decidiu fazer uma versão com uma escrita neutra, justamente para tentar *degenerar* a língua francesa, e, é para que o masculino não seja o dominante, então a gente fez essa edição com uma escrita neutra.

Entrevistadora: Como foi o processo de tradução do Pequeno Manual Antirracista de Djamila Ribeiro? Como foi o processo de tradução dos livros de Djamila Ribeiro? Houve diálogo entre a tradutora e a autora?

Paula Anacaona: Como foi o processo de tradução? Não sei como dizer, foi clássico, foi uma tradução, não tenho nada para dizer. Depois, como foi o processo de tradução dos livros de Djamila Ribeiro? Houve diálogo entre a tradutora e a autora? Talvez nos primeiros livros da Djamila teve mais diálogos porque a gente não se conhecia, depois, é verdade que quando a tradutora começa a conhecer a autora, fica mais familiarizada com o universo, o ambiente da autora, então, nos dois primeiros livros, *Lugar de fala* e *Quem tem medo do feminismo negro*, dialogamos bastante, sobretudo sobre o título do *Quem tem medo* que eu quis mudar em francês,

e então dialogamos e a Djamila concordou completamente com as crônicas, *Lugar de fala* a gente discutiu também porque eu também tinha algumas dúvidas sobre como traduzir esse lugar de fala, que eu acabei traduzindo por *Place de la parole* e até no título eu acrescentei *Place de la parole noir*, aliás, eu vi nas redes sociais vários brasileiros que perguntaram “ah, porque que tem *Place de la parole noir* já que todo mundo tem lugar de fala, porque colocar esse *noir*?” mas eu acho que o propósito do livro é justamente falar do lugar de fala da mulher negra, então por isso que a Djamila concordou em acrescentar com esse *Place de la parole noir*.

Entrevistadora: Como e quando você decidiu fazer o prefácio?

Paula Anacaona: Vou responder então algumas perguntas, eu não vou responder a todas, e talvez não na ordem. Então, porque, a última pergunta, porque a gente decidiu fazer um prefácio? Bom, está no site, aliás, que, a gente ‘*Cherchant à construire des ponts entre nos luttes des deux côtés de l’Atlantique, quoi de mieux que de rassembler le corpus intellectuel sur ce thème côté brésilien et côté français? En plus de la préface, Françoise Vergès nous a grandement conseillés pour rédiger une bibliographie française. Pour un féminisme véritablement transnational, qui s’enrichit de toutes les réflexions.*’ Então eu acho que aqui você tem a sua resposta e porque Françoise Vèrges porque é uma grande feminista na França.

Entrevistadora: Quais as características da língua francesa ficam mais marcantes ao traduzir a obra de uma mulher negra que discute o racismo estrutural?

Paula Anacaona: As características da língua francesa quando a gente traduz a obra de uma mulher negra que discute o racismo estrutural? Bom, acho que o problema da língua francesa é o mesmo que o da língua portuguesa, ou seja, é uma língua muito *genranda*, e algumas palavras também estão sempre no masculino, então quando você está tentando fazer uma escrita, assim inclusiva, uma escrita neutra, aí fica mais complicado. Então eu acho que isso foi um dos principais problemas, mas, tem mulher na França também e racismo estrutural também, então vocabulário existe.